

GARANA

1946

1947



# A recepção crítica de “Corpo de Baile”: Benedito Nunes e Bento Prado Jr.<sup>1</sup>

Silvio Holanda\*

A presente comunicação é um breve exame dos textos “Guimarães Rosa” (*O dorso do tigre* — 1976) e “O destino cifrado: linguagem e existência em Guimarães Rosa” (*Alguns ensaios* — 1985). Dada a importância de *Corpo de Baile* para a compreensão da poética rosiana, discutem-se dois textos fundamentais para o exame do volume de 1956. Benedito Nunes evidencia o tema do amor, que ocupa, segundo o ensaísta paraense, uma posição privilegiada na obra de Guimarães Rosa, podendo-se falar de uma “idéia erótica da vida”. Fundamentando-se em *O Recado do Morro* e *Dão-Lalalão*, Bento Prado Júnior interpreta a obra rosiana como uma tentativa de recuperar, no interior mesmo da escrita, a escritura que lhe está subjacente, uma ânsia por devolver à linguagem sua condição de sujeito.

## 1 ANOTAÇÕES PRELIMINARES

### 1.1 Principais estudos

- 1.1.1 Paulo Rónai (1958) — análise estilística.
- 1.1.2 Olívia Barradas (1972) — análise estrutural da narrativa.
- 1.1.3 Cavalcanti Proença (1974) — análise das “estruturas expressionais” (p. 458)
- 1.1.4 Luiz Costa Lima (1974) — “O buriti entre os homens ou o exílio da utopia”
- 1.1.5 Dante Leite (1977) — Psicologia e literatura. Presença do pai (conflito edipiano)
- 1.1.6 Wendel Santos (1978) — a construção do romance e processos de erotização.
- 1.1.7 Heitor Martins (1983) — intertexto entre a obra e a tragédia grega.

\* UFPA.

<sup>1</sup> Comunicação apresentada ao XIII Fórum Paraense de Letras da UNAMA. Encontro com Guimarães Rosa.

1.1.8 Bento Prado Jr. (1985) — leitura baseada em Derrida acerca das relações entre a linguagem e o destino.

1.1.9 Heloisa Araujo (1992) — relação conto vs. planetas: Sol = *Campo Geral*; Júpiter = Um Estória de Amor; Saturno = “Cara-de-Bronze”; Lua = Buriti, etc..

1.1.10 Heloisa Araujo (1996) — demanda de Deus.

1.1.11 Fantini (2003) — poética das margens em Guimarães Rosa: *Fronteiras em falso: a poética migrante de Guimarães*.

1.1.12 Luiz Roncari (2004) — mito e história no universo rosiano.

## 1.2 Temas

1.2.1 Morte e traição

1.2.2 Mundo infantil

1.2.3. Amor e sensualidade

## 1.3. Paginação da primeira edição

TEXTO	PÁGINAS	VOLUME	ÍNDICE
CG	013-136	I	I — GERAIS (OS ROMANCES)
UEA	137-245	I	II — PARÁBASE (OS CONTOS)
ELL	247-383	I	I — GERAIS (ROMANCE)
RM	385-463	II	II — PARÁBASE (OS CONTOS)
DLL	465-553	II	I — GERAIS (ROMANCE)
CB	555-621	II	II — PARÁBASE (OS CONTOS)
B	623-822	II	I — GERAIS (ROMANCE)

## 1.4 Epígrafes

### 1.4.1 MM

a) “Num círculo, o centro é naturalmente imóvel; mas, se a circunferência também o fosse, não seria ela senão um centro imenso” PLOTINO

b) “Vede, eis a pedra brilhante dada ao contemplativo; ela traz um nome novo, que ninguém conhece, a não ser aquele que a recebe.” RUYSBROECK o Admirável

### 1.4.2 UP

a) 2.1. “[Enéadas, II, i, 7] O melhor, sem dúvida, é escute Platão: é preciso — diz ele — que haja no universo um sólido que seja resistente; é por isso que a Terra está situada no centro, como uma ponte sobre o abismo; ela oferece um solo firme a quem sobre ela caminha, e os animais que estão em sua superfície dela tiram necessariamente uma solidez semelhante a sua.” PLOTINO [205 d.C. — 270 d. C.]

b) “A pedra preciosa de que falo é inteiramente redonda e igualmente plana em todas as suas partes.” RUYSBROECK o Admirável [1293-1381]

#### 1.4.3 NS

a) “Porque em todas as circunstâncias da vida real, não é a alma dentro de nós, mas sua sombra, o homem exterior, que geme, se lamenta e desempenha todos os papéis neste teatro de palcos múltiplos, que é a terra inteira!” PLOTINO

b) “Seu ato é, pois, um ato de artista, comparável ao movimento do dançador; o dançador é a imagem desta vida, que procede com arte; a arte da dança dirige seus movimentos; a vida age semelhantemente com o vivente.” PLOTINO

c) “A pedrinha é designada pelo nome de *calculus*, por causa de sua pequenez, e porque se pode calcar aos pés sem disso sentir-se dor alguma. Ela é de um lustro brilhante, rubra como uma flama ardente, pequena e redonda, toda plana, e muito leve.” RUYSBROECK, o admirável.



## 2 INTRÓITO

Para o exame de *Corpo de Baile*, nenhuma referência literária ou filosófica será descartada aprioristicamente, pois somente uma interpretação que *considere* o todo da obra poderá dar conta, minimamente, dos sentidos possíveis. Posto isto, fica claro que este trabalho não abandona a tradição hermenêutica que se tem formado em torno de Guimarães Rosa, mas, ao mesmo tempo, procura não conduzir o estudo interpretativo a uma “hiperalegorização” metafísica. A pergunta pelo ser de Deus é uma questão metafísica, porém as respostas que a obra de Guimarães Rosa dá a ela são, antes de mais nada, poéticas; inserem-se em busca de um sentido para o agir humano. As leituras que enfatizam tal aspecto só são legítimas se consideram a distância entre o discurso teológico e o crítico. A legitimidade hermenêutica de tais leituras, se se quer fugir a uma visão reducionista, funda-se em não admitir que uma chave — ocultismo, Plotino, Sexto Empírico, hermetismo, Platão — possa abrir o portal do *Corpo de Baile*. O texto, pretensamente aberto, decifrado, guarda ainda, em meio ao que deixa ver, sentidos irreduzíveis a análises lineares. Afinal, para dar um exemplo, o burrinho pedrês da narrativa inicial de *Sagarana* não é só Krishna. Muitas vezes as declarações autorais devem ser lidas ficcionalmente, à maneira das biografias heteronímicas de Fernando Pessoa.

As leituras hiperalegorizantes de *Corpo de Baile*, no seu afã de nos dar a verdadeira via de acesso ao sentido do texto, depositado em alguma camada oculta deste, à espera da perquirição crítica de iniciados, radicam em uma busca de símbolos, de remissões a Plotino ou a outros filósofos, de chaves ocultistas e míticas, ainda que, em alguns casos, bem orientada e sem pretensões totalizantes, como no caso de Consuelo Albergaria, possa contribuir para a iluminação de alguns aspectos da obra. Nossa proposta, diante disso, não visa a substituir uma chave por outra, recaíndo em novo reducionismo hermenêutico.

Cabe, ainda, definir o conceito de recepção com base em Jauss. Para o pensador alemão, deve-se diferenciar entre os dois lados da relação texto e leitor, entre os horizontes interno e externo de expectativa:

Entre o *feito*, como o momento condicionado pelo texto, e a *recepção*, como o momento condicionado pelo destinatário, para a concretização do sentido como duplo horizonte — o interno ao literário, implicado pela obra, e o mundivivencial (*lebensweltlich*), trazido pelo leitor de uma determinada sociedade. Isso é necessário a fim de se discernir como a expectativa e a experiência se encadeiam e para se saber se, nisso, se produz um momento de nova significação<sup>2</sup>.

### 3 BENEDITO NUNES: O AMOR NA OBRA DE GUIMARÃES ROSA

A recepção crítica de *Corpo de Baile* tem em Benedito Nunes um dos seus ápices, dada a sólida formação humanística do autor. Aqui, darei ênfase ao ensaio “O amor na obra de Guimarães Rosa”, republicado em *O dorso do tigre*. Assim, levando em conta as obras *Grande Sertão: Veredas*, *Corpo de Baile* e *Primeiras Estórias*, poder-se-ia falar na tese da centralidade do amor:

O tema do amor ocupa, na obra essencialmente poética de Guimarães Rosa, uma posição privilegiada. Em *Grande Sertão: Veredas*, onde aparece entrelaçado com o problema da existência do Demônio e da natureza do Mal, atinge extrema complexidade e envolve diversos aspectos que compõem toda uma idéia erótica da vida<sup>3</sup>.

As três espécies de amor existentes na obra rosiana poderiam ser representadas por Otacília (o enlevo), Diadorim (a dúvida paixão pelo amigo), e Nhorinhá (volúpia). Embora os tipos de amor sejam qualitativamente diversos, ocorre uma interpenetração entre eles. Sem recair no exagero hiper-algorizante dos trabalhos de Heloisa Araujo, o professor paraense buscará mostrar que a tematização do amor, na obra rosiana, remonta ao platonismo, porém, numa perspectiva mística heterodoxa, “que se harmoniza com a tradição hermética e alquímica, fonte de toda uma rica simbologia amorosa, que exprime, em linguagem místico-poética, situada no extremo limite do profano com o sagrado, a conversão do amor humano em amor divino, do erótico em místico.”<sup>4</sup>

A visão erótica da vida, em Guimarães Rosa, assim, segundo Benedito Nunes, permitiria a aproximação entre o profano e o sagrado. Assim, de Nhorinhá a Otacília, há uma como uma ascensão, partindo da explosão erótica de Nhorinhá à imagem angelical de Otacília, objeto ideal, à semelhança do mundo inteligível de Platão. Assim, o platonismo está subjacente a essa idéia de amor, uma vez que se pode falar numa espécie de conversão do carnal em espiritual. Em Guimarães Rosa, assim, o amor carnal gera o espiritual e nele se transforma. Tal transformação vincula-se a um misticismo de teor platônico, próximo da teologia cristã, sendo o amor concebido como *princípio em atividade no mundo e no homem, como força ascendente e descendente, sexo e espírito, que se desenvolve segundo uma dialética imanente*.

No que se refere ao *Corpo de Baile*, ensaísta estabelece uma aproximação entre esta personagem de *Grande sertão: veredas* e a amada idealizada de Lélío em *A Estória de Lélío e Lina*:

Na menina pálida e distante do Paracatu com quem sonhava o vaqueiro Lélío, de *A Estória de Lélío e Lina*, repete-se o mesmo símbolo do amor que, sem o saber, busca a sua forma completa, a sua realização integral, através de amores passageiros. É o que Mãe-Lina, a sábia

<sup>2</sup> JAUSS, Hans Robert. A Estética da Recepção: Colocações Gerais. In: JAUSS, Hans Robert et alii. A Literatura e o Leitor; seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 49-50.

<sup>3</sup> NUNES, Benedito. O dorso do tigre. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 143.

<sup>4</sup> NUNES, Benedito. O dorso do tigre. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 145.

velhinha, compreende, ao dizer a Lélío, em tom de conselho: “O amor tenteia de vereda em vereda, de serra em serra... Sabe que: o amor, mesmo, é a espécie rara de se achar”<sup>5</sup>.



Assim, o amor espiritual se apresenta como uma transfiguração do amor físico, transfiguração essa operada pela força impessoal e universal de *Eros*. Assim, pode-se ler os textos de *Corpo de Baile* e o *Grande sertão: veredas* à luz da concepção erótica rosiana, destacando-se a energia corporal não-pecaminosa e a “ausência de degradação e de malícia nas prostitutas, que nem sempre são figuras secundárias, cir-cunstanciais”<sup>6</sup>. A mulher, nesse contexto, independente de sua idade, mobiliza um fogo, capaz de perdurar até a velhice. Para exemplificar essa idéia o crítico se vale de *A estória de Lélío e Lina*:

Nas mu-lheres que amam e se fazem amar, esse fogo se conserva sem jamais apagar-se de todo. Quando ele falta, desa-parece não só a beleza física: o coração esfria e cessa a força do espírito. Rosalina, personagem de Guimarães Rosa, velha que não deixara de ser jovem, sabe disso e segreda a Lélío: “Escuta: mulher que não é fêmea nos fogos do corpo, essa é que não floresce de alma nos olhos e é seca no coração” [CB, 183]<sup>7</sup>.

Essa ascensão da carne ao espírito, paradoxalmente, pode ser pensada como uma ascensão cósmica. As prostitutas, mobilizadores permanentes das pulsões vitais, têm uma importância vital. Para o crítico, trata-se do começo de uma *transformação, o início de uma aprendizagem, o termo inicial de um processo que, de intersubjetivo, entre seres que se amam solitariamente, confinados à dialogação do corpo e da alma, em sua primeira fase, acaba se tornando cósmico, inte-ressando ao universo inteira. Nesse processo, a pros-tituta, que ganha um relevo excepcional na fabulação de Guimarães Rosa, tem papel saliente. Ela é sempre a fêmea que tem fogos no corpo, pronta a transmitir, generosamente, o impulso vital que fervilha em seu ser.*

É nesse contexto da visão alquímica que se inte-gram a transubstanciação do carnal no espiritual e a relevância do sexo como energia primária que se transforma em espírito, aspectos inerentes à concepção eró-tica da vida de Guimarães Rosa, delineada no capítulo anterior. Nela cabe a imagem do *eros* completo, em sua função cósmica, que passa pelo cadinho do sexo, nutre-se dos arroubos do prazer sensível, alastra-se pela. Natureza inteira, até consumi-la no fogo ardente do espírito que purifica todas as coisas<sup>8</sup>.

#### 4 BENTO PRADO JÚNIOR

Paulista de Jaú nascido a 21 de agosto de 1937, Bento Prado Jr licenciou-se e tornou-se Livre-Docente de Filosofia na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Cassado em 1969 de suas funções nessa Universidade pelo AI 5, instala-se, dessa data até 1974, na França, como pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique. De retorno ao Brasil leciona na PUC de São Paulo e depois na UFSCar onde hoje é professor titular e coordenador do PPG (Programa de Pós-Graduação) de Filosofia. Em 1998 recebe o título de Professor Emérito de Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas na USP. É autor, entre outros, de Bergson: *Presença e Campo Transcendental* (Edusp, 1985) — livro atualmente no prelo em tradução francesa, na Coleção *Europaea Memoria* da Ed. Georg Olms. Pu-

<sup>5</sup> Idem, *ibidem*, p. 147.

<sup>6</sup> Idem, *ibidem*, p. 148.

<sup>7</sup> NUNES, Benedito. O dorso do tigre. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 148.

<sup>8</sup> Idem, *ibidem*, p. 154.

blicou inúmeros ensaios em revistas especializadas e capítulos e livros no Brasil, na França, na Itália e na Inglaterra. Trabalha atualmente sobre a conexão entre idéias de *Ipseidade* e de *Argumento transcendental*.

Bento Prado Júnior busca pensar a obra rosiana, a partir das relações entre linguagem e obra literária:

Guimarães Rosa é, para seus leitores, uma linguagem e um universo. Ambas as faces — isto é, tanto o destino que dá a seus personagens quanto o delírio com que transfigura nossa língua — já mereceram análises várias e convergentes. Por que não perguntar pela articulação e pela solidariedade que une o estilo ao universo? O Sertão e o mundo, como já se sabe. Mas, por que deve a linguagem entrar assim em delírio para nos falar do Mundo? E quem nos fala através dela, quem é o sujeito desse discurso tantas vezes hermético? Mais ainda: — se amiúde, como no Grande Sertão, esse discurso assume a forma de uma longa interrogação, a quem se endereça, que interlocutor solicita ou constitui? Eis algumas das questões — talvez reduzíveis a uma pergunta única — para cuja formulação pretendemos colaborar nas notas que se seguem<sup>9</sup>.

Assim, apoiando-se em Jacques Derrida, o crítico paulista postula a tese de que o romance rosiano radica numa tensão entre sertão e cidade, entre o letrado e o iletrado: “O romance ou a novela seriam o espaço de contato entre dois mundos, sertão e cidade, encontro marcado entre dois homens diferentes, o letrado e o iletrado”<sup>10</sup>. O analfabetismo de Riobaldo, porém, é *sui generis*:

Para além da mera escrita, o analfabetismo remete a uma relação problemática com a Escritura, isto é, com um *Logos* mais primitivo, anterior a toda letra. A relação entre o letrado e o iletrado deixa portanto de figurar um contato entre duas humanidades separadas pelo espaço da geografia e da cultura, para indicar uma relação interna do homem com o seu destino. Poderíamos, assim, dizer sem intenção de trocadilho, que nos encontramos diante de um analfabetismo que não é literal, pois tem uma função essencialmente estratégica: neutralizando a experiência corrente da linguagem, permite uma descida a uma dimensão esquecida e recalçada da própria linguagem<sup>11</sup>.

Há, ainda segundo a interpretação filosófica de Bento Prado Júnior, uma espécie de neutralização da experiência corrente da linguagem, uma vez que a linguagem se volta sobre si mesma, num movimento autotélico:

E assim apenas na aparência que a longa interrogação que atravessa os textos de Guimarães Rosa visa um interlocutor letrado: essa linguagem é a supressão de todo interlocutor, momento em que a linguagem, solitária, se volta interrogativamente sobre si mesma. Talvez pudéssemos definir essa literatura, que é a obra de Guimarães Rosa, como a tentativa de recapturar, no interior da escrita, a Escritura que a precede, devolvendo à linguagem sua condição de *sujeito*. // Tal parece ser o esquema que comanda a estrutura de *Grande Sertão: Veredas*<sup>12</sup>.

<sup>9</sup> PRADO JR, Bento. O destino cifrado: linguagem e existência em Guimarães Rosa. In: Alguns ensaios. São Paulo: Max Limonad, 1985. p.196.

<sup>10</sup> Idem, ibidem, p. 196.

<sup>11</sup> Idem, ibidem, p. 200.

<sup>12</sup> PRADO JR, Bento. O destino cifrado: linguagem e existência em Guimarães Rosa. In: Alguns ensaios. São Paulo: Max Limonad, 1985. p.200.

O conto *Dão-Lalalão*, lido segundo a perspectiva da linguagem, propõe ao leitor uma mensagem a ser decifrada; não se trataria tão-somente, assim, de um texto de tema amoroso:

É o ciúme que funciona, aqui, como o catalisador que faz reunir as imagens que, na superfície do devaneio, estavam dispersas. Reintegrando o passado no presente, superpostas as imagens de Izilda e de Doralda, Soropita está finalmente à altura de si mesmo e pode fazer face a seu destino: não recebê-lo passivamente, como um texto integralmente escrito, mas como um texto claramente compreendido ao qual falta apenas a última palavra: a resposta. Aqui, a noção de destino não entra em conflito com a iniciativa do herói. [...] O texto que figura o destino é menos afirmativo que interpelativo: ele põe condição. A temporalidade do destino é a de um passado que pode ser reinterpretado, se compreendido. Decifra-me ou devoro-te, tal é a sua linguagem, o texto que o estrutura. Decifrá-lo é agir, reconhecer as aporias que entravam o curso da existência para dissolvê-las, assumir as contradições, vivê-las até o fim, para suprimi-las. O passado desafia; mas nenhum passado é definitivo e o gesto presente pode domesticá-lo<sup>13</sup>.

A interpretação de *O Recado do Morro* incide sobre a linguagem, salientando-se que nesta última obra se manifesta uma noção de lúdico, capaz de relativizar a importância daquela, e postula a existência de dois Logoi, um privado e outro anônimo.

Se *Dão-Lalalão* aponta para a existência de um discurso secreto como raiz e solo da memória e da consciência, *O Recado do Morro*, mais radical, visa esse discurso num domínio que precede toda psicologia. Não mais se trata, aqui, de descobrir aquela fala mais profunda que ata e constitui a identidade pessoa), mas de revelar uma Escritura que se esboça no ponto zero da humanidade e da cultura, na própria Natureza. De uma narrativa a outra, passamos de um a outro nível do Logos; do Logos privado da psique ao Logos anônimo e universal do Mito. Em *O Recado do Morro*, o texto que figura o destino do herói é também o discurso do Outro, mas de um Outro mais radical, exterior e anterior à própria humanidade, domínio onde ainda não se dissociaram *logos e fisis*: quem fala é o Morro. Se retomamos, neste ensaio, a análise desta novela, tão bem e tão rigorosamente estudada por Maurice Capovilla (*O Recado do Morro*, de João Guimarães Rosa, in "Revista do Livro", n.º 25, março de 1964), é porque nos parece que, nesse estudo, a insistência sobre a noção do lúdico tende a obliterar a questão essencial da linguagem<sup>14</sup>. (p. 212)

O breve exame dos textos "Guimarães Rosa" (*O dorso do tigre* — 1976) permite-nos inferir que Benedito Nunes evidencia o tema do amor, a ocupar uma posição privilegiada na obra de Guimarães Rosa, podendo-se falar de uma "idéia erótica da vida". Fundamentando-se em *O Recado do Morro* e *Dão-Lalalão*, Bento Prado Júnior, em "O destino cifrado: linguagem e existência em Guimarães Rosa" (*Alguns ensaios* — 1985), interpreta a obra rosiana como uma tentativa de recuperar, no interior mesmo da escrita, a escritura que lhe está subjacente, uma ânsia por devolver à linguagem sua condição de sujeito.



<sup>13</sup> Idem, ibidem, p. 210.

<sup>14</sup> Idem, ibidem, p. 212.



## Referências

- ARAÚJO, Heloísa Vilhena de. **A raiz da alma**. São Paulo: EDUSP, 1992. 178p.
- ARAÚJO, Heloísa Vilhena de. **O roteiro de Deus**. São Paulo: Mandarin, 1996. 556p.
- BARRADAS, Olívia Gomes. Análise Estrutural de "Dão-la-lão". **Littera**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 68-76, jan./abr. 1972.
- DUARTE, Lélia Parreira (Org.). **Veredas de Rosa**. Belo Horizonte: PUC/CESPUC, 2000. 765p.
- DUARTE, Lélia Parreira (Org.). **Veredas de Rosa II**. Belo Horizonte: PUC/CESPUC, 2003. 872p.
- FANTINI, Marli. **Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens**. São Paulo: SENAC; Cotia: Ateliê, 2003. 292p.
- JAUSS, Hans Robert. A Estética da Recepção: Colocações Gerais. In: JAUSS, Hans Robert et al. **A Literatura e o leitor**. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 43-61.
- LIMA, Luiz Costa. **A metamorfose do silêncio**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. 234p.
- MARTINS, Heitor. No Urubùquaquá, em Colônia. In: **Do Barroco a Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: Brasília, 1983. p. 81-94.
- MOURÃO, Rui. Processo da linguagem, processo do homem. **Minas Gerais. Suplemento Literário**, Belo Horizonte, p. 4, 25 nov. 1967.
- NUNES, Benedito. A viagem do Grivo. **O Estado de São Paulo. Suplemento Literário**, São Paulo, 10 de jun. 1967. p. 3.
- NUNES, Benedito. A viagem do Grivo. **O Estado de São Paulo. Suplemento Literário**, São Paulo, 17 de jun. 1967. p. 5.
- NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. 279p.
- PRADO JR, Bento. O Destino Cifrado — Linguagem e Existência em Guimarães Rosa. **Cavalo Azul**. São Paulo, n. 3, p. 5-30, 1968.
- PRADO JR, Bento. O destino cifrado: linguagem e existência em Guimarães Rosa. In: **Alguns ensaios**. São Paulo: Max Limonad, 1985. p. 195-226.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. **Estudos literários**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1974. 508p.
- ROSA, João Guimarães. **Corpo de baile: sete novelas**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956. 2v. 824p.
- ROSA, João Guimarães. **Corpo de baile**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1960. 513p.
- SANTOS, Wendel. **A construção do romance em Guimarães Rosa**. São Paulo: Ática, 1978. 232p.